

## **Felicidade com vista para o mar:** a construção discursiva do relacionamento amoroso na série *3 Teresas*<sup>1</sup>

*Sílvia Góis Dantas*<sup>2</sup>

---

1 Uma versão preliminar deste trabalho, posteriormente modificada para publicação, foi apresentada no GI 3 ("Ficción televisiva y narrativa transmedia") do XII ALAIC – Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, realizado de 6 a 8 de agosto de 2014 em Lima, Peru.

2 Doutoranda em Ciências da Comunicação pelo PPGCOM-USP. Bolsista CAPES. [silviagdantas@gmail.com](mailto:silviagdantas@gmail.com)

**Resumo**

Este trabalho busca uma aproximação com a série televisiva *3 Teresas* (GNT, 2013-2014), a fim de investigar a construção de sentidos da identidade feminina no discurso ficcional. Com abordagem qualitativa amparada na teoria da Análise de Discurso de linha francesa, trata-se de um estudo de caso que apresenta como pano de fundo duas importantes questões da contemporaneidade: a busca contínua da felicidade e a supervalorização feminina do amor. A análise indica como esses aspectos se entrelaçam e reverberam na enunciação da personagem Teresa, vivida pela atriz Denise Fraga.

**Palavras-chave**

Ficção televisiva, gênero, felicidade, amor, discurso.

**Abstract**

This paper intends an approach to the television series *3 Teresas* (broadcasted by the Brazilian network GNT from 2013 to 2014) to investigate the construction of feminine identity in the fictional discourse. With a qualitative approach supported by the French school of Discourse Analysis, this is a case study that has as a background two important contemporary issues: the continuing pursuit of happiness and the female overvaluation of love. The analysis shows how these issues connect and reverberate in the enunciation of the Teresa character, portrayed by actress Denise Fraga.

**Keywords**

Television fiction, gender, happiness, love, discourse.

## Introdução

O século passado pode ser considerado o mais importante quando se analisam as alterações no papel feminino na sociedade ocidental. O controle da fecundidade, o avanço da mulher no mercado de trabalho com a qualificação intelectual e profissional, a sua (relativa) independência em relação aos homens (pai e marido), os valores culturais disseminados pela cultura de massa, dentre outros fatores, contribuíram para transformações substanciais no cotidiano de nosso tempo. Essas mudanças, ocorridas principalmente a partir da segunda metade do século XX, impactaram a vida social e foram representadas também pela mídia, ao transmitir e reforçar ideias que começam a brotar no corpo social.

Nesse cenário, despertou nossa atenção a série *3 Teresas*, uma coprodução da Bossa Nova Filmes com a GNT, veiculada neste canal por assinatura em 2013 e 2014<sup>3</sup>. Com direção de Luiz Villaça, foram exibidas duas temporadas de 13 episódios semanais, de cerca de 20 minutos cada um, totalizando, assim, 26 episódios.

A série apresenta como personagens principais três mulheres pertencentes a diferentes gerações e com mesmo nome: Teresinha (vivida na ficção por Claudia Mello) é a mais velha, aposentada e mãe de Teresa (Denise Fraga), que, por sua vez, tem em torno de 40 anos, é vitrinista e está se separando do marido, com quem tem uma filha adolescente, Tetê (Manoela Aliperti), estudante às voltas com o primeiro namorado e o início da vida sexual. A partir da separação de Teresa, mostrada no primeiro episódio da série, ela vai morar com a mãe e leva a filha, dando início à trama definida pela emissora como:

Uma série sobre a convivência, na mesma casa, de três gerações de mulheres, apoiando e enlouquecendo umas às outras, dividindo o mesmo espaço e o mesmo nome. Três visões muito particulares de mundo, três olhares diferentes para problemas semelhantes, em um programa repleto de humor, sentimentos e deliciosos conflitos (GNT, 2013).

---

3 A primeira temporada foi exibida em 2013 (08 de maio a 31 de julho) e a segunda em 2014 (22 de setembro a 15 de dezembro). Há previsão de uma terceira, a ser exibida em 2016, segundo Kogut (2014).

Bem recebida pela crítica<sup>4</sup>, a produção televisiva chegou a ser indicada como uma das cinco finalistas da premiação anual da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de 2013 na categoria televisão, conforme informações do site Meio e Mensagem.

Entre os aspectos retratados na série estão o crescente envelhecimento da população brasileira e a maior longevidade da mulher, que, somados às outras alterações no seu papel social, merecem ser investigados por indicar a dinamicidade da configuração das famílias e a multiplicidade dos papéis femininos.

No nosso entender, a riqueza da série baseia-se na diversidade de temas e na profundidade de aspectos do cotidiano da mulher brasileira, que são trabalhados na narrativa sempre a partir da subjetividade feminina, enfocando, por exemplo, questões ligadas ao trabalho, aos relacionamentos, ao corpo e à saúde, à entrada na vida adulta no século XXI, à solidão na terceira idade, entre tantos outros.

Neste texto especificamente, nosso foco situa-se na busca constante da felicidade como dever e na supervalorização do amor por parte das mulheres, temas que são retratados no primeiro episódio da série, apresentando questões que fazem parte do imaginário feminino.

### **De direito a dever: a obrigação da felicidade**

A formação do sujeito na contemporaneidade está associada a uma constante ideia de construção da felicidade. Ao que parece, essa passou a ser a tônica dos nossos dias: buscar ser feliz, se reinventar a todo instante, ser mais feliz hoje do que ontem, *carpe diem*. Livros de autoajuda tornam-se best-sellers; filmes e telenovelas reforçam o final feliz; anúncios publicitários associam o

---

4 Em sites e blogs sobre teleficção, 3 Teresas foi considerada "um dos melhores lançamentos da temporada cheia de novidades no canal" (KOGUT, 2013) com "texto espetacular e atuações sob medida" (LAVIANO, 2013), apesar do pouco destaque publicitário: "Enquanto assistia fiquei me perguntando: por que o canal não fez o mesmo estardalhaço com a série como fez com Sessão de Terapia?" (MONTONE, 2013).

consumo com o bem-estar; reportagens embasadas por especialistas dos mais diversos campos de saberes mostram como alcançar a felicidade. Os exemplos estão por toda parte, indicando como esse discurso propagou-se, embora ele não seja novidade, como reforça França:

A felicidade é um valor social e historicamente definido. A busca da felicidade (assim como o discurso da felicidade) não é uma invenção contemporânea; ela se colocou em diferentes épocas, desde a Antiguidade, e em cada uma delas respostas diferentes foram dadas à questão do que é ser feliz. [...] É a sociedade que nos orienta para buscar a felicidade e orienta onde ela se encontra e o que significa (FRANÇA, 2010, p. 215-216).

Na atualidade, a felicidade povoa o imaginário coletivo de uma forma tão avassaladora que podemos denominar nosso tempo de “era da felicidade compulsiva e compulsória” (FREIRE FILHO, 2010, p. 17). Na coletânea organizada por esse autor, diversos estudiosos analisam “os impactos na configuração da subjetividade e da sociedade gerados por investimentos maciços em versões específicas da vida feliz” (Ibid., p. 22). E tais impactos não são escassos nem superficiais, atingem a própria construção do eu, de tal forma que a reinvenção da identidade é direcionada a partir do seguinte questionamento: o que fazer para ser mais feliz?

Nesse sentido, ao analisar o crescimento da corrente da psicologia positiva, tão em voga na contemporaneidade, Freire Filho (2010) aponta que, segundo esse discurso, a felicidade exigiria dedicação, condicionamento mental e gestão emocional, sendo uma construção unilateral do indivíduo, que precisa se esforçar para romper com a “vitimologia” e assumir o papel de único responsável por sua própria felicidade, que passa a ser uma construção unilateral. Poder de transformação e atenção à performance são os fios condutores que levariam qualquer pessoa interessada em ser mais feliz a conquistar essa meta, dependente unicamente da responsabilidade pessoal.

Como Birman ressalta, “a felicidade se transformou efetivamente num imperativo, no sentido em que Kant nos falava da existência do imperativo

categorico” (BIRMAN, 2010, p. 27); ou seja, ser feliz passou a ser considerado mais que um direito, um “dever que nos impulsiona e nos atormenta” (FRANÇA, 2010, p. 217).

Nesse quadro, cada vez se divulga mais o discurso de “construir a própria história”, de forma que o eu é visto como um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável. A reflexividade seria então o “processo de auto-interrogação sobre como o indivíduo maneja o tempo de sua vida” (GIDDENS, 2002, p. 72).

A autenticidade, a busca de sentido e a felicidade são valores que passam a nortear a construção da identidade do indivíduo, a ser encarada como merecimento e processo, pois, como analisa Bauman (2008, p. 142) “não há identidades recebidas de nascença, nada é ‘dado’”, razão pela qual o autor conclui que “a identidade é uma pena perpétua de trabalhos forçados” (Ibid., p. 143). Assim, surge a possibilidade de construir e reconstruir rotas e subjetividades a partir dos interesses e do contexto social em que o sujeito se insere.

Essa responsabilidade por si e pela sua busca da felicidade se fortalece ainda mais quando consideramos o contexto de velocidade dos dias de hoje, uma época marcada pelo efêmero, em que bens de consumo e relacionamentos podem ser substituídos com relativa rapidez.

### **O amor como caminho para a felicidade feminina**

Em interessante estudo sobre a transformação dos papéis sociais femininos, Lipovetsky (2000) enfoca a desigual valorização dos temas amorosos por parte de homens e mulheres, mostrando como, ao longo dos séculos e principalmente depois do século XVIII, a mulher é incentivada a investir continuamente na paixão e no amor, como se fosse uma vocação feminina, imaginário fortemente trabalhado no século XX pela cultura de massa.

De fato, a literatura feminina, os filmes e as telenovelas, entre outros produtos midiáticos, ajudaram a difundir amplamente o ideal romântico, ideologia

que associa a felicidade feminina à realização amorosa. Desde crianças, as meninas assistem a desenhos animados de princesas e ouvem contos de fadas, muitos deles encerrados com a célebre frase: "casaram-se e foram felizes para sempre". A construção social do "ser mulher" estabelece-se nas crianças na distinção de cores de roupas, na escolha de brincadeiras e até na repressão ou incentivo a determinados comportamentos. Esses são só alguns fatores que indicam a existência de clivagens entre os gêneros que são construídas histórica e socialmente de forma sub-reptícia, e muitas vezes tendem a ser encaradas como naturais.

É preciso lembrar sempre que o gênero deve ser encarado como uma construção social que norteia as interações do cotidiano e os valores sociais, pois, segundo Scott (1995), essa questão traz no seu bojo uma relação de poder e papéis sociais entre homens e mulheres.

Conforme Lipovetsky (2000, p. 23-24), "nas sociedades modernas, o amor se impôs como um fator constitutivo da identidade feminina". E essa ideologia do amor "contribuiu para reproduzir a representação social da mulher naturalmente dependente do homem, incapaz de chegar à plena soberania de si".

Por décadas, o ideal de felicidade para mulheres estava ligado ao casamento. Del Priore (2013) lembra que as mudanças pelas quais as mulheres passaram impressionam. Ao traçar uma evolução histórica do tema, a autora destaca que foram séculos de modelagem da esposa ideal, que deveria ser submissa, leal ao marido, obediente, fiel, discreta. Esse parecia ser o segredo para o bom casamento e, por consequência, para a felicidade feminina. Nesse panorama, Del Priore (2013) identifica uma certa flexibilização da moral sexual a partir dos anos 1960, facilitada também pela pílula anticoncepcional. Nesse momento, pode-se falar de um deslocamento da temática do sentimental para o sexual, conforme registra também Lipovetsky (2000). É quando começa a surgir uma maior preocupação com o prazer feminino e a sua libertação.

Anos depois, em 1977, apesar da resistência da Igreja Católica, o divórcio passa a ser permitido no Brasil. Aliada à liberação sexual e à crescente participação

feminina no mercado de trabalho, a regulamentação do divórcio fez surgir a possibilidade de nova vida para muitas mulheres que viviam relacionamentos falidos ou eram estigmatizadas como “desquitadas”. Entre 1979 e 1980, a TV Globo produz o seriado *Malu Mulher*, tendo Regina Duarte como protagonista: após 13 anos de casamento e com uma filha adolescente, ela passa a questionar sua vida e sua rotina doméstica, separa-se do marido e ingressa no mercado de trabalho. Atingindo excelentes índices de audiência, o seriado retratava uma mudança na vida das mulheres dos grandes centros, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo.

Uma pesquisa da McCann-Erickson Publicidade desenvolvida nessas cidades em 1980 ouviu mais de 1.000 mulheres casadas, e o resultado publicado na revista *Veja* indicou que elas se mostravam divididas entre valores novos e tradicionais: incorporaram os novos eletrodomésticos à rotina, aceitavam bem a televisão, aceitavam o divórcio, mas defendiam a fidelidade.

Espremida entre uma educação antiquada e os ventos de um feminismo que ainda não entende e mal pratica, a mulher casada brasileira mostra que rompeu um ciclo. Foi educada por sua mãe de forma muito semelhante àquela que já ensinara a avó, no entanto dá à filha conselhos que construirão gerações de mulheres diferentes. [...] Elas educam as filhas para serem mulheres, preferencialmente casadas, mas ambiciosamente independentes (A MULHER..., 1980, p.70).

Em 1995, nova pesquisa demonstra a representatividade da transformação feminina. Segundo a revista *Veja*, 20% das famílias brasileiras já tinham uma mulher no comando: “Mamãe sabe tudo. Uma em cada cinco famílias brasileiras é chefiada por mulher, que acumula o trabalho fora com a educação dos filhos”. (MAMÃE..., 1995, p. 62-63).



Figura 1: Reportagem da Revista Veja, edição 629, 24 set. 1995 (acervo on-line)

Del Priore (2013) considera esse momento em que as mulheres passam a liderar muitas famílias como um grande marco na história social das mulheres, ou, nas suas palavras: “a mais espetacular modificação na forma de estruturação da vida privada desde a Idade Média, quando se consolidaram os pilares da família atual no Ocidente: monogâmica, nuclear” (p. 85). Segundo a autora, o aumento do número de mulheres chefiando famílias aponta a inconformidade com casamentos e relações falidas.

A paulatina participação feminina na educação superior e em postos de trabalho de diversas áreas gerou crescente independência financeira, fator que impactou decisivamente nas taxas de divórcio, facilitado também por mudanças na legislação, chegando a 1,8 pedido por cada 1.000 habitantes. Como comenta Lipovetsky (2000), “quanto mais as mulheres são independentes, menos aceitam um casamento desmoronado, em desacordo com suas expectativas de ternura, de compreensão, de proximidade” (p. 35).

Apesar dessa relativa autonomia das mulheres em relação à obrigatoriedade do casamento como caminho para a felicidade, observa-se ainda na sociedade brasileira uma grande atribuição de valor simbólico a essa instituição. Trata-se do que Goldenberg (2012) denomina, utilizando-se comparativamente da obra de Bourdieu, de “capital marital”.

além de o corpo ser um capital importantíssimo no Brasil, o marido também é um capital [...]. Um marido, um casamento sólido e satisfatório, foi o que as pesquisadas mais valorizaram em seus depoimentos. A sua presença é motivo de grande satisfação. A sua ausência é motivo de infindáveis queixas e lamúrias. [...] Ter um marido é um verdadeiro capital para a mulher brasileira (Ibid., p. 55).

Dessa forma, ainda que observemos indiscutíveis clivagens no contexto social dos relacionamentos amorosos, muitos autores, como Del Priore (2013), Goldenberg (2012) e Lipovetsky (2000), salientam que a mulher ainda tende a supervalorizar o amor como um dos fundamentos para a felicidade.

Parafraseando Nietzsche, poderíamos dizer que as mulheres amariam mais o amor do que propriamente o ser amado. O encantamento, a paixão, os suspiros e ideais românticos ainda permanecem, com maior ou menor variação e exibição, no cotidiano feminino. Além disso, ter um marido mostra-se também um “atributo” valorizado pelas mulheres, como se avaliassem umas às outras por ter (e manter) alguém a seu lado.

### **A enunciação da série *3 Teresas***

Segundo Benveniste, enunciação é “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” e “supõe a conversão individual da língua em discurso” (1989, p. 82-83). Enunciação e enunciado, assim, correspondem respectivamente a acontecimento e resultado, uma vez que o “enunciado se opõe a enunciação da mesma forma que o produto se opõe ao ato de produzir” (MAINGUENEAU, 2008, p. 56).

A incessante busca pela felicidade e o modo de gerir relacionamentos afetivos são temas trabalhados no primeiro episódio da série *3 Teresas*. Pela enunciação feminina, podemos perceber a produção simbólica da identidade feminina como pistas para “pensar a linguagem televisiva em sua composição discursiva buscando desvelar os mecanismos pelos quais ela continuamente constrói/desconstrói/reconstrói os sentidos de identidade e nacionalidade” (MUNGIOLI, 2008, p. 6).

Também podemos identificar a ficção televisiva como uma possibilidade de fruição ligada ao lazer e também à construção de narrativas coerentes, o que retoma o tema da flexibilidade, trazido por Giddens (2002).

Sem dúvida as telenovelas, e outras formas de entretenimento na mídia, são válvulas de escape – substitutas das satisfações reais que não podem ser alcançadas nas condições sociais normais. Mas talvez o mais importante seja a própria forma narrativa que oferecem, sugerindo modelos para a construção das narrativas do eu. [...] nessas histórias ganha-se uma sensação de controle reflexivo sobre as circunstâncias da vida, uma sensação de uma narrativa coerente que é um equilíbrio tranquilizador para as dificuldades de sustentar a narrativa do eu em situações sociais reais (p. 184).

Assim, o contexto da série nos fornece subsídios para compreender melhor a produção simbólica nesse produto ficcional. É importante lembrar que o canal GNT, onde a série é exibida, é voltado ao público feminino. O enredo abre caminho para explorações do interdiscurso, conceito associado à memória discursiva que envolve a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos: “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2009, p.31). A interdiscursividade está associada à circulação de discursos sociais, de tal forma que nenhum sujeito é autor absoluto do seu discurso. Há sempre reelaborações e incorporações da fala de outros, em um constante movimento e penetração de discursos anteriores na nossa fala.

Não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2009, p.39).

Neste trabalho, analisamos o primeiro episódio da série, cujo discurso relaciona-se com os demais episódios, mas não se restringe a isso. Podemos perceber sua ligação com outros discursos midiáticos, educativos, institucionais

e do cotidiano social, indicando a cadeia de discursos infinitos, que nunca se fecham. Nossa escolha pelo primeiro episódio deu-se pela riqueza e maior profundidade de compreensão da narrativa, como nos lembra Pallottini (2012):

O primeiro episódio de um seriado é, portanto, capital; nele se deve apresentar clara e eficientemente todas as personagens principais, identificá-las, dizer o que são e como são; mostrar suas relações com as demais, seu modo de ser, suas crenças, seus desejos, seus objetivos de vida, o estágio em que estão. [...] Mostra o universo em que se vai desenrolar a história. Os demais episódios terão sempre algo a ver com o que foi lançado no primeiro (p. 45).

Nossa metodologia consistiu em transcrever todos os diálogos do episódio com marcações de cenários, tempos e personagens para, a seguir, selecionarmos os mais expressivos para análise, considerando nosso interesse em gênero, teleficção e gerações.

Com abordagem qualitativa amparada pela teoria da Análise de Discurso de linha francesa, elencamos como objeto privilegiado de nossa análise a enunciação de Teresa, vivida por Denise Fraga, buscando perceber a produção de sentidos desse produto televisual. A fim de perceber os significados da série, analisamos também as imagens mais expressivas.

### **3 *Teresas* em análise**

No primeiro episódio de *3 Teresas*, intitulado *O amor não tem vista pro mar*, acontece a situação desestabilizadora que dá início à narrativa e, assim, à trama. Com o fim do casamento, o marido deixaria enfim o apartamento em que eles viviam com a filha, fazendo Teresa sonhar com novas perspectivas.

O episódio inicia em um parque infantil, numa praça onde Teresa coleta areia para compor o cenário de uma vitrine. Enquanto está trabalhando nessa vitrine, com diversos castelos de areia já feitos, o quase ex-marido Ringo (Enrique Diaz) chega à calçada em frente e a observa trabalhar. Ela o vê e, com olhar desconsolado, faz um aceno chamando-o. Na tela, surge o *lettering*: “Teresa, segunda-feira, 13h12”. Ao entrar na vitrine, Ringo pisa em um castelo de areia, desmanchando-o.

Embora rápida, essa cena (Fig. 2) é bastante representativa, pois evidencia o fim dos sonhos de “viverem felizes para sempre”. Destruir os castelos de areia seria a literalidade do fim do relacionamento de dezesseis anos. Tudo aquilo que se construía e em que se acreditava está ruindo nesse dia. Embora Teresa se dedique à construção do castelo, algo projetado para ser temporário, Ringo pisa displicentemente, destruindo-o e logo não há mais conserto. É, assim, a metáfora do casamento indo ao chão, apesar dos esforços de Teresa.



Figura 2: Ringo destrói os castelos de areia aos 3"43' do episódio

Apesar de ter percebido o que aconteceu, Teresa não chega a enunciar seu descontentamento. E o que não é dito também significa: “o que não é dito, o que é silenciado constitui igualmente o sentido do que é dito” (ORLANDI, 2009, p.84-85). O silêncio não se identifica com a falta de sentido; pelo contrário, é indicativo de significados, sempre levando em consideração o contexto e a formação discursiva, pois é na “relação do imaginário com o real que podemos apreender a especificidade da materialidade do silêncio, sua opacidade, seu trabalho no processo de significação”. (Idem, 2007, p. 16)

Após elogiar a vitrine, Ringo passa a lembrar da lua de mel deles (fig. 3), pois passaram numa praia “de areia sujinha assim”. As recordações surgem em tom amistoso e leve, quando fica claro que a ideia de separar é de Teresa e que Ringo gostaria de ter mais uma chance. Na sequência, falam dos problemas práticos, da divisão dos bens, do preço do carro para levar os objetos para o apartamento de um amigo, para o qual ele se mudará.



Figura 3: O casal relembra a lua de mel (05"02')

Momentos depois, Teresa está em um banheiro lavando na pia seus pés sujos de areia e surge o *lettering*: "Teresa, segunda-feira, 14h40". Márcia, colega de trabalho, entra no banheiro. As duas começam a conversar e emana o assunto da separação:

Márcia: Por que você nunca me contou que o tal Ringo era assim?

Teresa: Folgado?

Márcia: Charmosão, simpático... Separou por quê?

Teresa: Porque chega uma hora que isso não é suficiente.

Márcia: O sexo piorou muito?

Teresa: Você tem que dar todas as respostas sozinha. Quando a felicidade existe, mas está em outro lugar, sabe?

Márcia: Eu sabia... sempre tem outro.

Teresa: Não tem nada de outro.

Márcia: Ihhh... Tô te achando muito pra baixo para quem está se separando.

Teresa: Para, tô ótima. É que hoje ele vai embora de vez, sabe? Aí vem aquela sensação...

Márcia: De liberdade! Eu te invejo... vai começar a melhor fase da sua vida. *Separada é solteira com experiência.*

(Transcrição de diálogos do episódio 1 da primeira temporada, GNT, 2013, grifo meu)

A enunciação de Teresa traz a questão do amor, da felicidade e da sua obrigação. Ao ser questionada sobre o motivo da separação, ela afirma que ter um marido charmoso e simpático não é suficiente, que quer algo mais. E

essa pergunta gera um monólogo, uma vez que ela continua falando sobre isso, mesmo quando a amiga pergunta sobre sexo (“Você tem que dar todas as respostas sozinha. Quando a felicidade existe, mas está em outro lugar, sabe?”). Márcia então diz: “Eu sabia... sempre tem outro”.

A conversa um tanto desconexa se assemelha a monólogo interior ou fluxo de consciência, já que não há diálogo propriamente dito, mas sim frases soltas e perguntas que não são respondidas. É como se ambas estivessem falando sobre ou para si mesmas, divagando, tentando colocar os pensamentos em ordem. É Márcia quem tem um amante – “sempre tem outro” se refere a ela mesma. E Teresa parece querer se convencer de que está tomando a decisão certa ao abrir mão do “capital marital” (GOLDENBERG, 2012), uma vez que a busca da felicidade e de construção da identidade exige dela a decisão da separação. Ao dizer que “a felicidade existe, mas está em outro lugar”, a personagem evidencia a insatisfação com o atual momento e se coloca no papel de responsável por buscar a sua felicidade, que se torna obrigatória nos dias de hoje de tal forma que demonstrar tristeza ou sinal de infelicidade seria um fracasso. É preciso renascer constantemente, como analisa Bauman (2008): “Mudar de identidade, descartar o passado e procurar novos começos, lutando para renascer – tudo isso é estimulado por essa cultura como um dever disfarçado de privilégio” (p. 128).

Nesse contexto, nem mesmo no momento em que se afasta de um companheiro com o qual conviveu por 16 anos ela teria “direito” a “ficar para baixo”, já que a amiga exige dela uma atitude de alegria e comemoração: “Tô te achando muito pra baixo para quem está se separando”, e tenta animar Teresa ao enunciar: “Separada é solteira com experiência”. Esse enunciado é objeto de interdiscurso quando Teresa, a seguir, ao comprar um novo colchão em outra cena, conversa com o vendedor. Enquanto este fala de questões práticas, como o pagamento do produto e número de parcelas, o enunciado de Teresa deixa entrever uma produção de sentido voltado à felicidade, ao merecimento de alegria.

Vendedor: Esse colchão não é um sonho distante como muita gente pensa.

Teresa: Muita gente esquece que merece.

Vendedor: É! É pra você?

Teresa: Só. Inteiro, todinho pra mim. Pra mim... (se vira na cama e de repente se senta). Mas também pode não ser, não sei.

Vendedor: Você é solteira?

Teresa: Eu pareço solteira?

Vendedor: Não, não, desculpa.

Teresa: *Sou. Com experiência.*

(Transcrição de diálogos do episódio 1 da primeira temporada, GNT, 2013, grifo meu)

O fato de estar separada é considerado um ponto positivo, na medida em que a cama será só dela, mas também é encarado como incerteza, já que há a possibilidade de encontrar outro amor e voltar a dividir o leito. Além disso, “parecer solteira” retoma a questão trazida por Goldenberg (2012), o “capital marital”, que seria uma demonstração de poder na sociedade brasileira. E o vendedor chega a desculpar-se por achar que ela seria solteira, como se isso fosse algum demérito.

Finalmente, ela volta para a vitrine, encerrando o trabalho como indica o *lettering*: “Teresa, segunda-feira, 17h33”. De pés descalços na areia, ela observa o trabalho feito e se distrai com seus próprios pensamentos. Ao escolher um som ambiente de praia com sons de pássaros no celular, ela parece comemorar e inaugurar um novo tempo, uma nova identidade a partir desse recomeço: fuma e curte a sensação de pé na areia, enquanto observa o movimento na rua, da qual está separada pelo vidro. Trata-se, aqui, do que Giddens (2002) denomina de momentos decisivos: “aqueles que os indivíduos são chamados a tomar decisões que têm consequências particulares para suas ambições ou, em termos mais gerais, para suas vidas no futuro. São de alta consequência para o destino de uma pessoa” (p. 107), possuindo grande repercussão na formação da subjetividade. Após alguns momentos de devaneio, em que parece estar se dando conta da sua situação e feliz por estar corrigindo a sua rota com destino à felicidade, ela apaga o cigarro na areia.

Ao chegar em casa, ao fim do dia de trabalho, otimista com o início da sua nova fase de separada, encontra, surpresa, Ringo, que abortou o plano de mudar-se para a casa de um colega. Furiosa, Teresa decide sair do apartamento com a filha, justificando para si mesma “Porque eu mereço a minha felicidade”. Quando o marido, sem saber o que dizer, pergunta se ela não poderia ficar mais uns dias, ela grita: “Não! Nada mais a prazo.” A urgência pela felicidade e pelas decisões para mudar a vida estão claras para ela, mas não para Ringo, que não entende o que ela enuncia. E na despedida do companheiro de 16 anos, um grito antes de bater a porta: “Eu mereço vista pro mar!”. É mais uma enunciação que ilustra a impossibilidade do diálogo, pois ela fala para si mesma, tentando se convencer de que a decisão precisa ser tomada naquele momento e que não haveria como postergar a felicidade que ela tanto busca e acredita estar em outro lugar. Ela então vai morar na casa da mãe, e juntam-se, assim, as três Teresas.

### **Considerações finais**

Na análise da enunciação de Teresa, percebemos nitidamente a criação de sentido em torno da busca do amor por parte das mulheres e da construção da felicidade como responsabilidade individual. Abrir mão do “capital marital” (GOLDENBERG, 2012) seria a busca da personagem em conduzir a sua narrativa para a felicidade compulsória da contemporaneidade. Assim, as teses de Giddens (2002) e Freire Filho (2010) são materializadas na performance de Teresa ao repetir incansavelmente, durante todo o episódio, que merece a vista pro mar, enfatizando, assim, que a vida melhor deve ser criada e sustentada a partir das suas atividades reflexivas.

Verificamos em *3 Teresas* um produto ficcional bem produzido que costura dramaticidade e humor ao revelar como os diferentes perfis identitários lidam com semelhantes questões do cotidiano feminino, tendo em vista o contexto social brasileiro contemporâneo. Nessa série, o espírito do tempo reverbera, mostrando que “a modernidade é inseparável de sua ‘própria’ mídia” (GIDDENS, 2002, p.29).

## Referências

3 TERESAS: episódio 1 – O amor não tem vista pro mar. Direção: Luiz Villaça. Produtores: Denise Gomes e Edu Tibiriçá. Brasil: BossaNovaFilms, 2014. 23 min.

A MULHER de verdade. *Revista Veja*, Acervo digital, ed. 629, p. 70, 24 set. 1980. Especial. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Anablume, 1999.

BAUMAN, Z. *Vida para consumo: transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BIRMAN, J. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, J. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 27-47.

DEL PRIORE, M. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

FRANÇA, V. A felicidade ao seu alcance: que felicidade, e ao alcance de quem, afinal?. In: FREIRE FILHO, J. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 213-226.

FREIRE FILHO, J. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GNT. 3 TERESAS. Sobre o programa. Disponível em: <[http://gnt.globo.com/\\_3teresas/sobre/](http://gnt.globo.com/_3teresas/sobre/)>. Acesso em: 23 ago. 2013.

GOLDENBERG, M. Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia/MG, v. 25, n. 2, p. 46-56, jul.-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/21803/11965>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOGUT, P. 3 Teresas, do GNT: ótimas atuações em crônica do cotidiano. *Notícias da TV*. 09 maio 2013. Disponível em: <<http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/critica/noticia/2013/05/3-teresas-do-gnt-otimas-atuacoes-em-cronica-do-cotidiano.html>>. Acesso em: 10 set. 2013.

\_\_\_\_\_. Outra leva. *Notícias da TV*. 22 nov. 2014. Disponível em: <<http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/coluna/noticia/2014/11/bianca-comparatofara-personagem-dramatico-na-proxima-novela-das-18h.html>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

LAVIANO, E. 3 Teresas: Triplamente relevante. *Box de série*. 10 maio 2013. Disponível em: <<http://www.boxdeseries.com.br/site/3-teresas-triplamente-relevante/>>. Acesso em: 10 set. 2013.

LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008.

MAMÃE sabe tudo. *Revista Veja*, Acervo digital, ed. 1413, 10 out. 1995. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

MEIO e Mensagem. *APCA elege os melhores de TV, rádio e cinema*. 10 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2013/12/10/APCA-elege-os-melhores-de-TV-radio-e-cinema.html>>. Acesso em: 10 jan.2014.

MONTONE, M. *Crítica: nova série 3 Teresas do canal GNT. Moniquices*. 16 maio 2013. Disponível em: <<http://www.moniamontone-blog.com/2013/05/critica-nova-serie-3-teresas-do-canal.html>>. Acesso em: 10 set. 2013.

MUNGIOLI, M. C. P. Enunciação e discurso na telenovela: a construção de um sentido de nacionalidade. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal. *Anais eletrônicos...* Natal: Intercom, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0835-1.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

NÚMERO de divórcios no Brasil bate recorde em 2010, diz IBGE. *Folha online*. 30 nov. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/11/1013994-numero-de-divorcios-no-brasil-bate-recorde-em-2010-diz-ibg>>

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PALLOTTINI, R. *Dramaturgia de televisão*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.

submetido em: 19 mai. 2015 | aprovado em: 07 ago. 2015